

O USO DA LEITURA FILOSÓFICA NO ENSINO DE FILOSOFIA
A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS CLÁSSICOS E SEU USO PARA SE CRIAR
UM AMBIENTE PARA FILOSOFAR.

Liriel Halfeld de Souza Castro

Trabalho de conclusão do curso de licenciatura apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador - Prof. Dr. Juarez Sofiste

Juiz de Fora

2026

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar e propor uma alternativa para um recorrente tema dentro dos estudos em ensino de Filosofia, que é “como criar em sala de aula um *ambiente para filosofar?*”, um ambiente em que os alunos possam exercer a atividade filosófica seguindo um método que priorize suas análises e percepções e as incentive. Afinal:

Aprender e ensinar filosofia não está desligado do próprio ato de fazer filosofia (ato de filosofar). Filosofia e filosofar caminham juntos. Por isso é de extrema importância que o ensino de filosofia seja capaz de criar espaços para o pensamento, para a produção, problematização e investigação filosófica (Oliveira, p. 111).

Segundo Horn e Vieira (2015) a Filosofia na escola pode significar um espaço de experiência filosófica, espaço de provocação do pensamento original, da busca, da compreensão, da imaginação, da análise e do contato com os conceitos filosóficos. Mas, na prática, vemos que isso raramente se realiza, principalmente por conta de métodos inadequados em relação à essência da filosofia, que é o filosofar. Afinal,

Ensinar filosofia não é a mesma coisa que ensinar qualquer outra área, disciplina ou saber humano. Existem características no ensino da filosofia que transcendem o modo como outras áreas do conhecimento transmitem seus saberes, e isso faz do ensino de filosofia um ensino único (Oliveira, 2022, p.106).

A partir desse problema, chega-se à questão: como estimular a atividade filosófica nos alunos do Ensino Médio e criar um ambiente para filosofar? Seria a leitura dos textos filosóficos em sala de aula uma alternativa? Segundo diversos autores, e também a visão desse projeto: sim, a leitura dos textos da história da filosofia pode sim ser útil para esse objetivo. De acordo com Horn e Valese (2015) o trabalho com o texto filosófico clássico, pois, caracteriza-se como atividade fundamental para o exercício de sua própria experiência filosófica.

O texto filosófico também ocupa o papel de diálogo com a tradição filosófica. Segundo Vieira e Horn (2015), o diálogo com a tradição filosófica, com os pensadores das diferentes épocas e lugares, permite a indagação, a reflexão e a compreensão de nossa realidade atual. “Só posso pensar pensando e o pensar envolve recuperar aquilo que já foi pensado” (Vieira, Horn, 2015, p.50).

Então, como fazer isso? Como transformar a leitura desses textos em investigação filosófica, em filosofar? Essa investigação pode ser realizada pelo método da Investigação Dialógica, proposto pelo professor doutor Juarez Sofiste. De acordo com o autor:

A Investigação Dialógica é um método que visa a aprendizagem e apropriação do filosofar. Os seus princípios pedagógicos, educativos e metodológicos são o Diálogo e a Investigação. O que coloco em questão é o filosofar, entendido como uma atitude a ser motivada, possibilitada, incentivada, desenvolvida junto aos estudantes (Sofiste, 2023, p.34).

Essa proposta, também alinha-se com a BNCC, que propõe competências como: a valorização e utilização dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade, o exercício da curiosidade intelectual, recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade (Brasil, 2018, p.9).

DESENVOLVIMENTO

1. A filosofia na escola

Atualmente, com a ascensão do neoliberalismo e do tecnicismo, fica claro a todos que estão inseridos nas áreas educacionais a desvalorização do estudo e da pesquisa dentro das humanidades. Nas escolas, matérias de humanas têm a carga horária reduzida e ouvimos dos próprios alunos sobre a inutilidade de estudar tais temas. Segundo Gallo, o ensino de filosofia enfrenta diversos desafios:

[...] como a atual falta de tradição desse ensino nas escolas, levando a uma desconfiança da sua importância por parte dos jovens, a sua peculiaridade de ser um estudo bastante abstrato e dissertativo, a imagem/preconceito que se tem de que a filosofia é inútil. Atualmente os professores de filosofia vivem o problema não só de ter de saber o que e como ensinar, mas o de apresentar a filosofia aos jovens de forma instigante (Gallo, 2018, p.75).

Essa desvalorização atinge fortemente a filosofia, que para muitos nem sequer deveria ter o espaço mínimo que ainda luta para preservar nas escolas. Nos perguntamos, então, por que colocar a filosofia nas escolas? E como inseri-la de forma que ela não fique soterrada pelo método tradicional de decorar o que outros disseram, sem nem sequer oferecer os meios para que os alunos se vejam no processo de desenvolvimento de conhecimento?

Segundo Silvio Gallo (2018), o que justifica a presença da filosofia como disciplina no currículo do Ensino Médio é a oportunidade que ela oferece aos jovens estudantes de desenvolverem um pensamento crítico e autônomo. Assim, a filosofia permite que os alunos experimentem o pensar, o refletir, o analisar e o criar.

Certamente, o ato de pensar não ocorre só por meio da filosofia, mas o diferencial da filosofia, como observado por Gallo, é que ela “oportuniza um pensar sobre o próprio pensamento”. A filosofia “desnaturaliza” nosso pensamento cotidiano, fazendo com que nós o coloquemos sob suspeita, sob interrogação, nos fazendo “pensar o próprio pensamento” (Gallo, 2018, p.43).

Porém, quando falamos do ensino de filosofia que possibilita esse tipo de pensar, é necessário entender que não são todos os métodos de ensino que alcançam isso. Por exemplo, um ensino de filosofia que se resume a um conjunto de conteúdos que devem ser decorados pelos estudantes, um ensino que se reduz apenas à história da filosofia, é um ensino vazio, que não será significativo e não impactará a vida dos alunos. De acordo com Gallo (2018), o que vemos é um trabalho com a filosofia na educação média que tende para a “decoreba” de ideias e autores.

Sendo assim, é necessário buscar um meio para construir um ensino ativo de filosofia. Diferentes estudiosos da educação propõem diferentes alternativas. Autores como Gallo (2018), Horn e Vieira (2015) e Favacho (2018) têm em comum uma proposta que se alinha com a proposta desse projeto, que é o uso do texto filosófico no ensino de filosofia.

E o ensino de Filosofia tem por finalidade promover o contato em sala de aula com o conhecimento filosófico. E são variados os recursos que podem auxiliar o professor nesse processo, e um deles é a utilização de textos filosóficos. Pois a atividade com os textos clássicos é uma maneira de trazer para a sala de aula a experiência filosófica (Favacho, 2018, p. 10).

2. Relação entre a leitura dos textos filosóficos com o filosofar

Segundo Gallo (2018), uma forma de escapar do ensino de filosofia como transmissão inócuas da tradição filosófica é fazer com que os estudantes sejam encorajados a pensar e a desenvolver suas próprias experiências de pensamento, para ele:

Essas experiências de pensamento apenas são possíveis através do estudo de textos filosóficos, da compreensão de que cada filósofo cria seus conceitos para enfrentar os problemas com os quais se depara. Realizar a própria experiência de pensamento significa, assim, dominar as ferramentas lógicas e conceituais da

filosofia, saber identificar os problemas que enfrentamos e aplicar essas ferramentas de pensamento a este problema, comparando com o que já foi pensado pelos filósofos ao longo da história (Gallo, 2018, p.44).

Os desafios são vários, é importante aproximar aluno e filosofia, é preciso chamá-lo para o filosofar. É essencial considerar que “o que poderá, desde o início, trazer o interesse dos alunos para as aulas é a aproximação que se possa fazer das questões a serem tratadas e nossas vidas, nossa realidade” (Gallo, 2018, p.76). Surge o desafio de mostrar aos alunos, desde o início, que a filosofia “trata das questões humanas mais fundamentais e que estas são exatamente aquelas com as quais nos debatemos quando não estamos por demais tomados pelo corre-corre do cotidiano, isto aumentará seu interesse.” (Gallo, 2018, p.76).

Uma forma de estabelecer essa aproximação entre questões da filosofia e a realidade dos alunos, de cativar a atenção, como uma sensibilização às questões, seria através da leitura dos textos filosóficos, de forma a se criar um “ambiente para filosofar”.

A leitura de um clássico no contexto escolar fomenta essa percepção da Filosofia, pois a partir da leitura desse tipo de texto o aluno se depara com o diferente, com obras que foram escritas em momentos históricos distintos, que trazem uma determinada reflexão e compreensão do contexto atual, e para chegar a esse entendimento é preciso pensar sobre aquilo que já foi pensado (Favacho, 2018, p.5).

É necessário fazer isso de forma que os alunos se sintam à vontade para debater o que foi lido, expressar suas opiniões e construir suas próprias análises em relação ao material.

É preciso mostrar que o que foi pensado pelos autores da filosofia ainda se mantém atual. Para isso o professor precisa fazer pontes e mostrar aos alunos que as mesmas questões que incomodaram esses pensadores também são preocupações deles, como pessoas no mundo.

A proposta de uma leitura filosófica pretende fazer com que o aluno tenha contato com o texto clássico, em sua linguagem própria, conhecendo os conceitos elaborados pelo autor, sabendo que é um texto que está inserido em um período histórico específico. Essa familiaridade com o texto filosófico incentiva o aluno a não ser passivo no processo de leitura e construção do conhecimento, pois a intenção não é simplesmente apresentar um texto como um produto acabado, e sim fazer com que primeiro o educando leia, compreenda e apreenda, em um exercício interpretativo e reflexivo, o que o autor tem a dizer, para com isso exercitar sua capacidade de problematização (Favacho, 2018, p.13).

Dessa forma, espera-se que, ao guiá-los a essa compreensão do filosofar como algo presente e necessário em suas vidas, o estudo da filosofia seja revestido de sentido, gerando também sentido à dedicação ao estudo do tema.

E isto pode ser feito por meio de atividades que instiguem os alunos a eles mesmos fazerem as questões que cercam o problema, atividades estas elaboradas de tal maneira que criem situações para os alunos reviverem as inquietações e refazerem as questões dos filósofos (Gallo, 2018, p.78).

O papel do professor, como na Investigação Dialógica, é guiar, orientar e fazer perguntas para facilitar a investigação. A leitura do texto deve ser dos alunos, sem subordinação às ideias de outros, por isso, inclusive, é necessário trabalhar com os textos originais, e não com comentadores ou manuais. Segundo Calvino (1993) um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. Mais importante ainda, afirma que “os clássicos servem para entender quem somos e aonde chegamos” (1993, p. 16). Sobre a importância do contato com o texto clássico em si e o papel da escola nessa introdução, Calvino afirma:

A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele (Calvino, 1993, p. 12).

Essa leitura filosófica, com os textos, em um ambiente preparado e estruturado para o livre pensar, é “uma forma de produzir conhecimento, conhecimento filosófico, já que reativa a filosofia, a torna matéria de criação” (Gallo, 2018, p. 96). É necessário que haja diálogo com a leitura filosófica. O papel do professor será conduzir os alunos para esse diálogo e explorar os aspectos do texto. Mas, esse explorar não deve ser visto como uma leitura despretensiosa. O objetivo é ler como estudo, seguindo Gallo, esse estudo é decifrar.

Ao ler filosoficamente um texto somos obrigados a traduzi-lo, passamos a ser autores, também, da nossa compreensão da coisa. A leitura filosófica é também esforço de síntese. Os professores terão de inventar suas táticas para incentivar os alunos a todo o momento desmontar o texto para entendê-lo, acompanhar sua lógica, trilhar seu raciocínio, separar as partes para conhecê-las e conhecer suas relações (Gallo, 2018, p.97).

Essa leitura não deixa de ser experiência filosófica, pois nela estão incluídos o diálogo e o explorar do conteúdo e da forma.

Por meio da leitura dos textos filosóficos, espera-se que o estudante possa pensar, discutir, argumentar e que, nesse processo, crie e recrie para si os conceitos filosóficos. O trabalho com o texto filosófico clássico, pois, caracteriza-se como atividade fundamental para o exercício de sua própria experiência filosófica (Horn; Vieira, 2015, p. 52).

É importante ressaltar que incluir a leitura do texto filosófico e focar no filosofar não significa romper com a história da filosofia, afinal:

Seria impensável defender a aproximação dos alunos aos textos sem também insistir na exploração da dimensão histórica desses textos. Este ensino pressupõe o trabalho com o texto filosófico de forma tal a conhecê-lo no particular de sua natureza. Como dissemos, além de estudarmos seu conteúdo poder-se-á também reconhecer nele o filosofar, o seu filosofar particular. No entanto, esse trabalho técnico de dissecação na leitura filosófica de um texto pode ser potencializado ao ensinarmos a história desse texto (Gallo, 2018, p. 103).

O contato com a história associado ao estudo dos textos, em um processo de investigação e sensibilização, tem o poder de afetar os alunos ao trazê-los para dentro do movimento do pensamento. Segundo Favacho (2018) é a partir do texto clássico da filosofia que podemos encontrar as bases da Filosofia e da sua história. São textos que continuam atuais, pois carregam questões intrigantes que instigam a problematização, a indagação e a reflexão.

Ver como em diferentes momentos da história uma questão e a vontade de respondê-la moveram e movem filósofos e pensadores é uma forma de convite ao filosofar e à filosofia, pois mostra que essas questões ainda estão abertas e que a especulação filosófica também pode estar neles, os próprios estudantes.

Ao leremos determinado texto podemos nos perguntar: com quem ele está dialogando? Está respondendo a alguém especificamente? Podemos buscar as motivações das ideias ali expostas. Isso nos ajuda a reativar o problema que levou à sua escrita (Gallo, 2018, p. 103).

“Reativar o problema que levou a sua escrita” é o foco e objetivo. Mostrar que o pensamento ainda está vivo, criando condições para que os estudantes possam “reinventar o texto filosófico, ensaiar uma criação sua a partir dos textos estudados para dar conta do problema escolhido” (Gallo, 2018 p.105).

3. Ambiente para filosofar

Então, como aprender filosofia? Filosofando! O método apresentado visa exatamente isso, o possibilitar o filosofar. O termo "comunidade de investigação" vem do filósofo estadunidense Lipman, estudado pelo filósofo Juarez Sofiste, que, a partir da proposta de filosofia para crianças de Lipman, desenvolveu o método da Investigação Dialógica. O objetivo da Investigação Dialógica é criar um ambiente para o filosofar fluir e surgir. É necessário ativamente incentivar esse filosofar, com método e etapas, pois, assim como afirma Merleau-Ponty, aprendemos fazendo.

Ler e escrever são atividades e instrumentos extremamente importantes, essenciais para o processo reflexivo, e tais habilidades não são atingidas de maneira inata: aprende-se a ler lendo e a escrever, escrevendo. Ações dessa natureza devem ser destacadas no ensino de filosofia, pois o aprendizado da leitura e escrita e sua prática constante significam “aprender a pensar melhor” (Ghedin, 2009, p. 155).

O corpo precisa estar envolvido. Os alunos, suas mentes e seus corpos precisam estar presentes no ambiente, ativamente inseridos no processo investigativo, para aprenderem a filosofar. Este não termina só com ler a teoria, é preciso colocar em prática, entender-se no lugar de pessoa filosofando. Isso é um movimento consciente e ativo.

A filosofia é uma prática, é o filosofar. Para podermos aprender essa disciplina em nosso pensamento, precisamos praticá-la. É uma experiência no sentido de que é algo que atravessa quem a vive: traspassado por ela já não se é o mesmo (Gallo, 2018, p.106).

É preciso cultivar o “hábito”. Tanto da leitura, quanto da escrita, do filosofar e do problematizar. Assim como Merleau-Ponty (1999) observa, Favacho (2018) também conclui que a Filosofia é criativa, por isso, o estudante que se depara com ela vai aprender Filosofia fazendo Filosofia, exercitando cotidianamente na sala de aula o exercício filosófico de pensar e repensar o que já foi produzido filosoficamente.

4. Investigação Dialógica

Conceituada por Juarez Sofiste no livro “Filosofia com crianças: O que é? Como se faz?” (2023), O objetivo principal da Investigação Dialógica é ajudar os alunos a aprenderem a pensar por si mesmos e a aprenderem a “pensar bem”. De acordo com Juarez:

A Investigação Dialógica é um método que visa a aprendizagem e apropriação do filosofar. Os seus princípios pedagógicos, educativos e metodológicos são o Diálogo e a Investigação. O que coloco em questão é o filosofar, entendido como uma atitude a ser motivada, possibilitada, incentivada, desenvolvida junto aos estudantes (Sofiste, 2023, p.34).

Ao colocar em questão o filosofar, a Investigação Dialógica aparece como um método que contempla e atende aos requisitos dessa aprendizagem. É neste sentido que o Diálogo e a Investigação são tomados como princípios educativos, ou seja, os recursos, meios ou ferramentas para o desenvolvimento da atitude de filosofar.

A respeito do Diálogo como princípio pedagógico e metodológico, Sofiste (2023) afirma que o diálogo é o que torna possível a Comunidade de Investigação. O diálogo é a substância da proposta de uma educação para o pensar. É necessário o diálogo autêntico, é preciso “desalojar certezas e abrir-se ao indeterminado” (Sofiste, 2023, p.57).

A respeito da aprendizagem segundo a Investigação Dialógica, Sofiste define que esta é um método de vivência filosófica que visa à aprendizagem e apropriação da atitude do filosofar, mediante o desenvolvimento das competências filosóficas do PAC: Problematizar, Argumentar e Conceituar. Nela, não é aceita a compreensão que a aprendizagem de atitudes é possível, apenas, com o ensino de conteúdos conceituais, como é, ainda, muito comum nas aulas de filosofia em todos os níveis.

A Investigação Dialógica, incorporando os Parâmetros Curriculares Nacionais, concorda que, ao invés de um ensino em que o conteúdo seja visto como fim em si mesmo, o que se propõe é um ensino em que o conteúdo seja visto como meio para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos. Horn e Valase também confirmam essa importância social:

A reflexão filosófica centrada no trabalho com o texto também contribui substantivamente para a formação não só do leitor crítico, como da autoria de textos e escritos de caráter filosófico, ou seja, na produção de textos com estrutura lógica e argumentativa, bem como clareza no entendimento das ideias e na produção conceitual. A leitura e sistematização de textos filosóficos para além da inteligibilidade têm ainda outra função: a de permitir com que o estudante possa posicionar-se frente às polêmicas existenciais e problemas sociais e políticos que o cotidiano se lhes apresenta (Horn; Valese, 2012, p. 167).

Há na Investigação Dialógica, assim como em Merleau-Ponty (1999), o entendimento de que a aprendizagem é, fundamentalmente, corporal. Para a fenomenologia de Merleau-Ponty o protagonista da aprendizagem é o corpo, é mediante as vivências e relações com o mundo e com o outro que a aprendizagem e nossos conhecimentos acontecem. Sendo o meio utilizado a leitura, essa vivência também é definidora:

Podemos comparar a leitura dos textos filosóficos à realização de atividade física. Tornar-se um bom atleta demanda tempo, disciplina, empenho, retomada contínua dos exercícios, etc. Se os textos de Filosofia são uma mediação para o pensar, logo apenas com sua “frequentação”, com o contato, com a prática contínua é possível o desenvolvimento de um pensar autônomo, de um filosofar (Horn; Vieira, 2012 p.62).

Segundo Sofiste (2023), a sugestão de organizar as sessões ou oficinas de Investigação Dialógica em quatro ações, a Incentivação, a Investigação, a Fixação e a Avaliação, não é aleatória, mas é intencionalmente proposta no sentido de colocar o sujeito em ação para a “vivência” e “prática” das competências de Problematizar, Argumentar e Conceituar. Para a Investigação Dialógica o protagonista central deste processo de promoção da boa aprendizagem é o corpo. O corpo compreendeu, o hábito está adquirido, significa que a aprendizagem foi incorporada, portanto, será duradoura.

Nesse método, Sofiste (2023) afirma que o educando perde o estatuto de escutador e copiador de aula. O professor, por sua vez, perde a autoridade de ensinar, pois ele é, também, um investigador dialógico. Gallo (2018), também prevê essa autonomia aos alunos, e afirma que, ao utilizar a leitura filosófica, deve-se abrir espaço para o pensar e investigar do aluno:

Os professores vão ensinar técnicas dessa leitura-busca e vão encorajar os alunos a lançarem-se nessa experiência. Os resultados das tentativas podem ser compartilhados depois, os achados e perdidos podem ser explicitados e podem servir de esclarecimento, mas depois, a travessia, a primeira leitura, é pessoal. [...] Isto quer dizer que se em algum momento houver uma “explicação” sobre as ideias dos filósofos, esta será só um complemento e não todo o contato dos alunos com as ideias dos filósofos (Gallo, 2018, p. 95).

Sofiste indica que cada sessão ou oficina de Investigação Dialógica seja planejada a partir de quatro ações; a primeira delas é a Incentivação, momento de despertar, motivar, sensibilizar a turma para um tema/problema que será o objeto da investigação. Pode-se usar uma variedade muito grande de recursos didáticos para tal. No caso da proposta desse trabalho, o meio de incentivação seria a leitura conjunta de um texto filosófico escolhido previamente pelo professor, e repassado com antecedência para os alunos para eles terem a chance de realizar a leitura previamente. A escolha desse texto será feita em contato com o momento da história da filosofia estudada, para sempre manter a conexão entre a filosofia construída e a abertura ao filosofar.

O segundo momento é o da Investigação, é o núcleo central do diálogo investigativo, em que todas as habilidades necessárias para o filosofar serão colocadas em ação. Segundo Favacho (2018), no processo de leitura e problematização, o aluno

aprimora seu filosofar, além de ser uma maneira de construir um pensar autônomo, e é exatamente esse é o nosso objetivo, o caminhar para o pensamento crítico, filosófico e autônomo.

A terceira etapa é a Fixação; é o momento de retomar o que foi investigado no sentido de evidenciar as aprendizagens proporcionadas pelas discussões/investigações. Também é um momento propício para fazer as devidas pontes, ligações e comparações entre o que foi visto na teoria e os tópicos que a turma investigou.

O quarto momento é a Avaliação, que Sofiste (2023) define como uma avaliação geral, em que é necessário destacar os aspectos importantes para uma boa sessão de Investigação Dialógica, tais como: ouvir atenciosamente a argumentação das ideias e teses, avaliar se houve fuga do tema e analisar até que ponto a turma filosofou.

O método da Investigação Dialógica, utilizando a leitura de textos filosóficos como Incentivação pode ser uma alternativa para orientar a atividade filosófica em sala de aula, criando um ambiente para filosofar.

Dentro da tradição filosófica, temos diversos textos e livros filosóficos que são didáticos e possuem uma linguagem acessível para os alunos, esses textos devem ser foco inicial nas turmas que estão iniciando essa jornada filosófica, para que os alunos acostumem-se com esse algo novo. Com a evolução filosófica, investigativa e conceitual da turma, podem ser apresentados textos mais complexos, com conteúdos e linguagens mais complexas.

É necessário seguir os passos da turma e compreender que vivemos em uma sociedade em que a maioria das pessoas não têm acesso nem são incentivadas à leitura; logo, tudo isso será uma novidade para a maioria dos estudantes.

Com certeza, muitos vão achar que isso não lhes serve, e essa reação é esperada. Por esse motivo, como foi comentado, deve-se sempre ter em mente o diálogo com o atual e com suas vivências. As reflexões da filosofia precisam estar conectadas com suas vidas, é importante evidenciar sua presença na vivência dos estudantes, nas estruturas da sociedade, nas questões do existir e do ser. É preciso recuperar algo que foi perdido, é preciso fazer com que a filosofia *signifique* algo para esses estudantes.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou não apenas entender as fragilidades do ensino de Filosofia no contexto educacional contemporâneo, mas, também, propor alternativas e estratégias para um ensino que realmente consiga atingir os estudantes. Diante do

cenário atual, marcado pela ascensão do tecnicismo e por uma lógica neoliberal que tenta e, por vezes, consegue esvaziar os currículos de humanidades, reduzindo-os muitas vezes à repetição enciclopédica. A questão central que moveu esta pesquisa foi: como transformar a sala de aula em um autêntico ambiente para filosofar? A resposta construída aponta para a integração entre a leitura dos textos clássicos da tradição filosófica e o método da Investigação Dialógica.

Conclui-se, primeiramente, que o ensino de Filosofia não pode ser separado do ato de filosofar. A distinção entre "aprender filosofia" como um acervo histórico de doutrinas e "aprender a filosofar" como uma atitude investigativa revelou-se complexa, afinal, percebemos que, para uma filosofia autêntica, aspectos de ambos devem estar presentes. Ficou evidente que o modelo tradicional, pautado na transmissão passiva de conteúdos e na "decoreba" de nomes e datas, falha em conectar-se com a realidade dos estudantes do Ensino Médio, gerando desinteresse e reforçando a percepção de desconexão com a disciplina.

Para romper com isso, o trabalho demonstrou que é necessário resgatar a filosofia como uma prática que, embora dialogue com a tradição, deve ser reativada no presente. De acordo com Horn e Vieira (2015), o texto de filosofia precisa ser concebido enquanto instrumento para se pensar e repensar o presente, para que a existência seja problematizada e não para ser simplesmente comentada.

Nesse contexto, o papel do texto filosófico foi transformado. Ele não pode ser estático ou um fim em si mesmo, o texto clássico deve ser compreendido como uma ferramenta de mediação e provocação, é um instrumento. Por meio das contribuições de Gallo e Calvino, reafirma-se que os clássicos não estão parados no passado, mas são registros de problemas humanos fundamentais que permanecem abertos. A leitura em sala de aula, portanto, não deve ter como objetivo final a "exegese", mas sim um estudo ativo e criativo dos pensamentos dos autores. O estudante, ao se deparar com o texto, é convidado a dialogar com a história não para se submeter a ela, mas para encontrar nela os conceitos e a estrutura lógica necessários para pensar os seus próprios problemas atuais. A leitura torna-se, assim, uma experiência de pensamento, em que, ao decifrar o texto, o aluno enxerga a si e o mundo.

Entretanto, a simples introdução do texto filosófico não garante, por si só, a experiência do filosofar. É aqui que a metodologia da Investigação Dialógica, proposta por Juarez Sofiste (2023), se estabelece como método proposto. A estrutura metodológica, Incentivação, Investigação, Fixação e Avaliação, oferece um caminho para auxiliar o fluir do pensamento. A filosofia e o filosofar, como demonstrado, não é inato, mas um hábito

que se adquire por meio da prática contínua. Ao alinhar-se com a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, o trabalho reforça que o aprendizado passa pelo corpo e pela vivência: aprende-se a pensar pensando, a argumentar argumentando e a dialogar dialogando.

A Investigação Dialógica mostrou-se eficaz por romper com a hierarquia tradicional do saber, frequentemente vista nas salas de aulas nos diversos níveis educacionais. O professor deixa de ser o detentor da verdade absoluta para tornar-se um mediador, que guia a comunidade de investigação. Essa mudança é fundamental para a construção da autonomia intelectual do estudante. O aluno é desafiado a não apenas emitir opiniões, mas a fundamentar seus argumentos, a ouvir o outro atentamente e a construir conceitos que expliquem a realidade dentro desse ambiente para filosofar.

Porém, ainda é necessário compreender os desafios dessa proposta. A implementação de um ambiente para filosofar exige tempo, paciência e uma mudança de cultura escolar. A resistência dos alunos à leitura, fruto de uma sociedade que não a tem como prioridade, e a dificuldade inicial com a linguagem filosófica são fortes barreiras. No entanto, essas dificuldades não devem ser motivos para o abandono dos textos, mas sim o próprio objeto de trabalho. A "estranhamento" causada pelo texto filosófico é, como apontado por Gallo (2018), o que desnaturaliza o cotidiano e permite o espanto, motor inicial da filosofia. O método da Investigação Dialógica, ao iniciar com a Incentivação e promover o trabalho coletivo, atua como um facilitador, tornando a difícil tarefa da leitura uma construção compartilhada e com sentido para a comunidade.

Ademais, as implicações sociais e políticas desta abordagem são profundas. Em tempos de polarização, desinformação e superficialidade, a capacidade de investigar dialogicamente é transformadora. Ao criar um espaço em que o erro é parte do processo, em que a certeza é suspensa em favor da investigação e em que os diversos pensamentos são acolhidos e analisados, a escola cumpre seu papel democrático e educador. Segundo Sofiste (2023), para a escola atender às exigências da educação básica, ela precisa ser reinventada; em vez de priorizar o mero ensino que gera sujeitos passivos, a escola deve priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida.

É tarefa do professor promover essa vivacidade da filosofia para que ela se estenda para além da sala de aula. O perguntar filosófico é colocar o próprio ato

de questionar em evidência e constância, um perguntar que não cessa e se reconstitui, mesmo após o encerramento de uma aula (Oliveira, 2022, p.112).

O ensino de filosofia, pautado na leitura ativa e na investigação, prepara o estudante não apenas para o vestibular, mas para a complexidade da vida em sociedade, podendo ajudá-lo a não ser um mero reproduutor dos discursos de outros.

Por fim, esta pesquisa aponta que a criação de um ambiente para filosofar é um caminho. Caminho que se direciona contra a instrumentalização da educação e possibilita a capacidade criativa e filosófica dos jovens. O que foi analisado nessa pesquisa mostra que é possível ensinar filosofia de maneira significativa e que respeita o que a filosofia é.

O que se propõe não é uma opção única ou necessariamente a correta, mas é um convite ao trabalho contínuo de "reativar os problemas", mostrando aos estudantes que as inquietações de Platão, Descartes ou Nietzsche existiam antigamente e que essas mesmas inquietações ainda existem nas suas próprias vidas. A filosofia na escola, portanto, reafirma-se como uma necessidade vital para a formação de consciências vivas e críticas.

Resgatando o sentido da filosofia a partir do próprio binômio (*Filos+sofós*) que lhe dá origem, podemos muito bem caracterizá-la como uma constante ausência. Esse saber que ansiamos sempre e constantemente não pode jamais ser assumido como alcançado no sentido de findado, acabado. A filosofia é busca constante, investigação constante e problematização de todo e qualquer fato na realidade. É sobre esses fundamentos que o ensino de filosofia deve se construir, não sobre a estrutura engessada que a tradição do ensino insiste em defender ou apenas a partir da reprodução mecanizada do acervo histórico (Oliveira, 2022, p.111).

Bibliografia

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais: os perigos das telas para nossas crianças**. São Paulo: Vestígio, 2021.
- FAVACHO, M. D. F. D. C. **Leitura filosófica como proposta para o uso de textos clássicos nas aulas de filosofia no Ensino Médio**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Filosofia para o Ensino Médio) – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2018.
- GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- HORN, Geraldo Balduíno; VALESE, Rui. **O texto filosófico nas aulas de Filosofia do Ensino Médio: análise e proposição a partir da experiência paranaense**. Filosofia e Educação, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 91-104, abr./set. 2012.
- LIPMAN, Matthew. **O pensar na educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Tópicos).
- OLIVEIRA, Thiago. **Breve ensaio sobre o problema do ensino de filosofia**. Cadernos Nietzsche, Guarulhos, Porto Seguro, v. 43, n. 3, p. 105-122, set./dez. 2022.
- SOFISTE, Juarez. **Filosofia com crianças: O que é? Como se faz?** 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2023.
- VIEIRA, Wilson José; HORN, Geraldo Balduíno. **O sentido e o lugar do texto filosófico nas aulas de filosofia do Ensino Médio**. Revista Digital de Ensino de Filosofia, Santa Maria, v. 1, n. 2, jul./dez. 2015.